

A imprensa jornalística como fonte documental para a História das Doenças: as epidemias de febre amarela e de gripe espanhola em Sorocaba

The press as journalistic documentary for the History of Disease: the epidemics of yellow fever and Spanish flu in Sorocaba

João Paulo Dall'ava¹

Resumo: Este artigo destaca a importância da imprensa jornalística como fonte documental para o estudo da História das Doenças. Pretende-se analisar as notícias publicadas nos jornais sorocabanos durante as epidemias de febre amarela em 1899-1900 e de gripe espanhola em 1918, compreendendo, por meio dos discursos de imprensa, a divulgação dos conhecimentos médicos, bem como as articulações entre poder público e a sociedade no sentido de repercutir os acontecimentos diante da complexidade dos momentos vividos diante desses surtos epidêmicos.

Palavras-Chave: imprensa, febre amarela, gripe espanhola, epidemias, Sorocaba.

Abstract: *This article highlights the importance of press as journalistic documentary source for the study of History of Disease. It is intended to analyze the news published in newspapers Sorocaba during yellow fever epidemics in 1899-1900 and the Spanish flu in 1918, including through the discourses of media, dissemination of medical knowledge, as well as the links between government and society to reflect on the events of the complexity of lived moments before these outbreaks.*

Keywords: *press, yellow fever, Spanish flu, epidemics, Sorocaba.*

A História vem se aproximando de temáticas que buscam o conhecimento das doenças, os tratamentos médicos e as epidemias, anunciando formas de se estudar o passado, buscando o entendimento do homem, da sociedade e de seus mecanismos de sobrevivência (Bertolli Filho, 2003, p.15). Desse modo, um dos assuntos dominantes discutidos pela história das práticas médicas diz respeito “àquele que se envolve nas causas e distribuições das enfermidades no ambiente social”, não se esgotando as doenças nos limites do saber biológico, mas nos possíveis vínculos entre enfermidade e sociedade na perspectiva processual (Bertolli Filho, 2003, p.23).

¹ Mestrando do Departamento de Medicina Preventiva-USP. Contato: jpdallava@yahoo.com.br

Em relação ao uso da imprensa como fonte histórica², os procedimentos de análise dos jornais não se baseiam na compreensão da imprensa como veículo de informação imparcial, ou seja, **“os discursos adquirem significados de muitas formas**, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos **temas**, a **linguagem** e a **natureza do conteúdo** tampouco se dissociam do **público que o jornal ou revista pretende atingir**.” (Luca, 2005, p. 140, grifo no original). Nessa direção, há que se levar em conta as práticas de leitura desse material, identificando:

(...) para cada época e para cada meio, as modalidades partilhadas do ler – as quais dão formas e sentidos aos gestos individuais –, e que coloca no centro da sua interrogação os processos pelos quais, face a um texto, é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação. (Chartier, 2002, p.121)

No caso do estudo em pauta, entre os trabalhos que abordam especificamente o tema da saúde na imprensa paulista, a recuperação dos discursos e as reivindicações em relação à saúde, demonstram como será colocado “em xeque a salubridade, a organização da cidade e a própria validade dos conhecimentos científicos ligados à saúde, motivando críticas principalmente quanto a ordem sanitária, acabará justificando a implementação de projetos variados que incidiam diretamente sobre a vida dos trabalhadores urbanos, o que aparece retratado em vários momentos em jornais operários da época.” (Bertucci, 2003a, p.242). Tal enquadramento estará ligado à importância da imprensa no processo de reconstituição da epidemia, a partir da diversidade de material publicado “cartas de leitores aflitos, anúncios, vinhetas, ilustrações, alterações do número de páginas, editoriais e notícias, todo o jornal transformou-se num repertório noticioso sobre a Pauliceia enferma”. (Bertolli Filho, 2003, p.20)³.

Exemplarmente, no artigo “*Conselhos ao Povo*”: *educação contra a Influenza de 1918* foi investigada uma série de prescrições publicadas na imprensa pelo Serviço Sanitário Estadual durante a epidemia de gripe espanhola em São Paulo. O objetivo dessas publicações era esclarecer e instruir os moradores da capital do estado sobre a doença. Segundo a autora,

As “classes pobres” precisavam de médicos, remédios, muita comida e, também, de informação e limpeza. Na luta que a cidade de São Paulo estava travando contra a gripe espanhola e que envolvia, de uma forma ou

² Ver mais em Sodré, 1999.

³ Ver também Ferreira, 2004.

de outra, todos os seus moradores, instruir, insistindo nas prescrições higiênicas, foi uma das armas para tentar debelar uma doença efetivamente sem remédio e, nesse processo educativo, regulador de hábitos, os mais pobres foram alvos privilegiados, tanto dos doutores do Serviço Sanitário quanto dos próprios jornais. (Bertucci, 2003b, p.114).

Será dentro desse debate historiográfico que pretendemos compreender as epidemias de febre amarela e gripe espanhola na cidade de Sorocaba, interior paulista, por meio da análise de artigos e notícias publicados nos jornais locais, como *A Voz Do Povo*, *A Lucta*, *Republica* – editados durante a febre amarela – e o *Cruzeiro do Sul* – editado durante a gripe espanhola, buscando compreender a complexidade desses momentos, também pelas entrelinhas das notícias, desfazendo uma memória oficial e cristalizada, apresentando novos personagens e acontecimentos.

Sorocaba: entre a memória e a história

Existem poucos trabalhos relacionados à história da saúde e das doenças em Sorocaba⁴, e quando o tema é abordado, restringe-se basicamente à memória das epidemias de febre amarela. Tal fato diz respeito à memorialística local, no sentido de garantir uma história linear e oficial da cidade. Segundo o memorialista Aluísio de Almeida, o primeiro surto epidêmico (1897) teria marcado o fim das feiras relacionadas ao comércio de muares em Sorocaba, devido à associação entre a presença de animais no centro urbano e a propagação de doenças. Já o segundo, em 1899-1900 teria sido mais intenso e provocado mais mortes: “O povo fala em mil. Contamos e recontamos no ‘15 de Novembro’ e alcançamos 500 mais ou menos. A estatística mais plausível é a do ‘Correio Paulistano’ da época: houve 3000 doentes e 600 óbitos”. E o autor prossegue, “momentaneamente houve prejuízo para a indústria e comércio, que depois se recuperaram. (...) Muitas famílias se retiraram para o Ipanema e os bairros” (Almeida, 2002, p.393).

Por meio dessa narrativa, percebe-se uma provável estagnação da economia sorocabana durante o último surto de febre amarela, além de um êxodo populacional: “os prejuízos foram consideráveis, além das vítimas, houve a quase total paralisação das atividades comerciais e o *fim da boa fama que gozava o clima da cidade, como lugar aprazível para visita e restabelecimento da saúde*” (Carvalho, 2004, p.206, grifo nosso).

De acordo com o censo demográfico, Sorocaba apresentava uma população de 17.068 em 1890 e de 39.586 em 1920 (Pinto Jr., 2003, p.43), uma clara demonstração de sua recuperação após as epidemias, com uma economia voltada no momento à produção fabril, por meio da qual a cidade angariou a imagem

⁴ Baddini, 2002 e 2005; Motta e Baddini, 2011; Almeida 2002.

idealizada da “Manchester Paulista”, título largamente divulgado pela imprensa local, representando o ideal de uma cidade industrial, salubre e progressista. Portanto, as epidemias de febre amarela poderiam ser vistas, ainda por essa visão, como um marco divisor na passagem de uma cidade “tropeira”, insalubre e anti-higiênica, para uma cidade mais adequada às exigências da época, explicando-se, portanto, a valorização do tema na memorialística local.

É nesse “contexto otimista” que se encontrava a cidade quando ocorreu a epidemia de gripe espanhola, entre outubro e dezembro de 1918⁵. No entanto, ao contrário da febre amarela, sua ocorrência já não é mencionada pela memória local, talvez pelo fato de ter afetado profundamente a indústria têxtil da cidade – inclusive com a paralisação temporária das fábricas – e com isso maculando a imagem da “cidade industrial”⁶, progressista e salubre propagada.

Essa hipótese torna-se ainda mais relevante ao olhar do historiador, se atentarmos ao fato de que, além das epidemias citadas, outras doenças, não consideradas epidêmicas, como a tuberculose⁷ também foram “apagadas” desse mesmo período, mesmo sendo perceptível o seu avanço sistemático. Um vestígio desse fato está ligado à inauguração do novo hospital da Santa Casa de Misericórdia de Sorocaba em 1899, onde foram edificados os pavilhões, exclusivamente, para tuberculosos que se avolumavam nas fábricas e moradias. A imagem da fatalidade da doença era reforçada pelos jornais locais, por exemplo, quando era publicada mensalmente a relação das internações, altas e óbitos no hospital da Santa Casa, que, no caso dos óbitos, sempre se especificavam os pacientes que já entraram moribundos e, em especial, os tuberculosos.

Da Amarela à Espanhola: a imprensa sorocabana em pauta

A *Typographia 15 de Novembro Editora* foi fundada na década de 1890, “com o objetivo, dentre outros, de publicar um jornal republicano na cidade” (Pinto Jr., 2003, p.86). Seu proprietário, João José da Silva, era um conhecido comerciante na cidade à época, pois tinha se estabelecido em Sorocaba no início da década de 1870. Sua chegada à cidade tem relação com os empreendimentos tipográficos do capitalista Matheus Maylasky, de fazer circular, junto com outros capitalistas, um jornal que defendesse os interesses do grupo de sorocabanos liderados por ele (Pinto Jr., 2003, p.86-87).

⁵ Segundo o jornal *O Cruzeiro do Sul*, foram 8.213 casos de gripe notificados e 372 óbitos, sendo 146 de gripe e 226 de outras moléstias (Cruzeiro do Sul, 15 jan. 1919, p.2).

⁶ Essa crença das elites sorocabanas na “cidade industrial”, somada a urbanização que ocorria paulatinamente, e ao crescimento populacional, encontra suporte no mito da *Manchester Paulista*, propagado pela imprensa sorocabana nos primeiros anos do século XX. (Silva, 2000); (Pinto Jr., 2003); (Carvalho, 2004 e 2008).

⁷ Ver Nascimento, 2005.

João José da Silva, proprietário e redator do jornal,

Sempre estive muito próximo das elites republicanas da cidade, que controlavam os poderes públicos. Assim, seu jornal foi pautado por uma parcialidade política, cultivando boas relações com os administradores públicos, desde sua constituição. (Pinto Jr., 2003, p.88).

Após a dissidência estadual do PRP – Partido Republicano Paulista – (1901), o jornal *O 15 de Novembro* permaneceu ao lado das forças situacionistas. O *Cruzeiro do Sul*, editado pela Typographia e Papelaria *Cruzeiro do Sul*, pertencia a família Pires e teve sua primeira edição publicada no dia 12 de junho de 1903. Era dirigido por Joaquim Firmiano de Camargo Pires, filho do Cel. Benedito Antonio Pires, um dos mais importantes líderes republicanos, junto com Olivério José do Pilar, desde o final do Império.

Nhô Quim, como era conhecido Joaquim Firmiano, junto com seu irmão, o Cap. João Clímaco de Camargo Pires, foi ativo participante da política em Sorocaba, tanto compondo o PRP local, como disputando espaço na administração pública. Joaquim Firmiano exerce o jornalismo desde 1895, quando começa a editar um jornal manuscrito de frequência esporádica, o *13 de Março* (nome que, segundo Pinto Jr., indicava a posição política do grupo, por se tratar da data de falecimento do Marechal Floriano Peixoto). Após a dissidência do PRP, parte para o enfrentamento político utilizando meios mais modernos de edição, fundando o *Cruzeiro do Sul*: “Este jornal nasceu para combater os grupos situacionistas, que dominavam o poder público de Sorocaba, sendo ‘trincheira’ dos dissidentes do PRP naquele momento.” (Pinto Jr., 2003, p.90).

Outro jornal importante na cidade foi *A Voz do Povo*, fundado em 1892 e publicado até 1898. Este, além de rivalizar com *O 15 de Novembro*, compunha o mercado editorial em Sorocaba no final do século XIX, controlado por um grupo de pessoas que também fazia oposição à situação política local. O jornal é empastelado por seus inimigos políticos em 1896 e, a partir de então, passa a ser publicado em Tatuí, município localizado, aproximadamente, a 60 quilômetros de Sorocaba (*Almanach de Sorocaba para 1903*, p.83).

Por esse enquadramento, analisando as considerações de Arnaldo Pinto Júnior sobre a imprensa em Sorocaba, podemos perceber pelo menos duas características importantes. Uma delas era registrar os embates políticos locais, entre situação e a dissidência, do PRP sorocabano. Pois, a partir de 1903, o jornal *O 15 de Novembro*, representante da situação política, passou a ter um adversário, o jornal *Cruzeiro do Sul*, representante da dissidência. Desde então, acirrados debates políticos eram travados entre os grupos locais através das páginas de seus

respectivos órgãos de imprensa, que iam das críticas ácidas aos insultos pessoais.

Outro propósito era difundir as concepções e projetos das elites locais através de uma imprensa fiel, pois a ampliação do parque tipográfico pelas classes dominantes visava atender “tanto às necessidades de um mercado consumidor em expansão como as forças políticas que pretendiam potencializar sua capacidade de articulação – ao mesmo tempo em que buscavam maior visibilidade e legitimidade social” (Pinto Jr., 2003, p.84-85).

Por isso, em Sorocaba a imprensa também foi amplamente utilizada na repercussão dos assuntos referentes aos dilemas sanitários e propagação de doenças pelo município. Em artigo intitulado *Notas sobre o Sanitarismo de Sorocaba na Primeira República*, Mota (2006), refere-se à polêmica em torno de uma lei sobre limpeza pública municipal em 1897 e o envolvimento de empresários locais e seus interesses econômicos na aprovação da mesma. Por meio da análise dos jornais, *O 15 de Novembro* e *A Voz do Povo*, aponta a importância da questão do sanitário “numa cidade que, paulatinamente, se industrializava, urbanizava, e ao mesmo tempo, identificava uma série de demandas, principalmente as correspondentes à organização e higienização desses espaços” (p.10).

Ainda do ponto de vista da saúde pública no município, através do estudo das epidemias de febre amarela em Sorocaba e os embates políticos locais gerados nesse contexto, em *Dilemas revelados e mito desfeito: Sorocaba e a epidemia de febre amarela na República Velha*, Mota e Baddini (2011) procuram, por meio do estudo da imprensa sorocabana, compreender a história do sanitário paulista e as particularidades que envolveram o projeto estadual em legislar e impor ações de controle sanitário aos municípios paulistas, a partir da fundação de seu Serviço Sanitário Estadual em 1892 (Mota; Baddini, 2011, p.155).

Além de acompanhar os embates políticos e os diversos conflitos de interesses caracterizados pelas camadas dominantes, a imprensa também apresenta aspectos pouco estudados do conhecimento científico do período. Exemplarmente, em meio ao contexto epidêmico, a publicação nos jornais das diversas teorias sobre a propagação e a transmissão da febre amarela em Sorocaba. Isso porque, durante o século XIX e os primeiros anos do século XX, mesmo com a divulgação das descobertas de Pasteur, Koch e Pettenkoffer no campo da bacteriologia, a teoria miasmática de propagação das doenças infecciosas ainda era aceita entre comunidade científica brasileira. (Nascimento e Carvalho, 2004).

De acordo com Telarolli Jr., havia duas teorias causais para a febre amarela, a *transmissão* ou *infecção*, e o *contágio*:

Para o contágio, os agentes responsáveis pela doença passavam de pessoa a pessoa, através do contato de um corpo doente com outro são, pela pele,

ou pelo ar., penetrando no organismo através do sistema respiratório. Segundo a teoria da transmissão, chamada eventualmente de infecção, havia uma etapa intermediária, em que os agentes causais permaneciam na natureza, no solo ou na água, penetrando no organismo pelo aparelho digestivo. Os exemplos mais comuns de doenças contagiosas eram a difteria, a varíola, o sarampo e a coqueluche; de doenças transmissíveis, o cólera e a febre tifoide. (Telarolli Jr., 1993, p.145-146).

Nesse sentido, havia médicos e cientistas que combinavam as duas teorias, a dos miasmas e a da microbiologia:

Estabelecendo relações entre os dois tipos de agentes causais, nos casos em que haviam sido identificados os germes responsáveis por algumas doenças, como o cólera, a febre tifoide e a malária. A partir de analogias com essas patologias cujos mecanismos de transmissão já haviam sido elucidados, faziam-se deduções sobre a febre amarela, doença que estaria no centro dos debates científicos da década de 1890, polêmica encerrada em meados da década seguinte com o acordo em torno da transmissão pelo mosquito. (Telarolli Jr., 1993, p.145).

Desse modo, não houve consenso quanto à forma de propagação da febre amarela até a aceitação da transmissão pelo mosquito, no início do século XX (Franco, 1967). Isso afetava a maneira como o Serviço Sanitário Estadual lidava com as epidemias, ou seja, combinando medidas contra o contágio, como o isolamento de doentes e a desinfecção das casas onde houvessem ocorrido casos; e medidas para a prevenção da transmissão, como a fiscalização da limpeza pública e das habitações, a remoção de lixo dos quintais e obras de saneamento urbano. Em Sorocaba, durante as epidemias, foram utilizadas tanto as medidas contra a proliferação do contágio, como o isolamento de doentes e as desinfecções, com as medidas de saneamento. Como podemos perceber pelas notícias durante a segunda epidemia:

Novo Hospital

Em vista de achar-se já completamente cheio o nosso Hospital Isolamento o antigo Collegio Diocesano transformou-se também agora em suplemento d'aquelle, dentro da cidade, em pleno Largo do Rozario. (A Lucta, 28 jan. 1900, p.2).

0.Diversas

(...)

O numero de desinfectores será elevado a 20, augmentando naturalmente o material para desinfecções. Neste sentido, foram tomadas medidas rigorosas attinentes a regularisar e melhorar a desinfecção, que se tem feito com muita deficiencia, devido á falta de pessoal e de recursos. (Republica, 1 fev. 1900, p.2).

Durante a epidemia de 1897, o jornal *A Voz do Povo* traz em suas matérias a combinação tanto a teoria dos miasmas quanto a da microbiologia, defendendo tanto medidas contra o contágio quanto de prevenção da transmissão. Percebemos esta preocupação do jornal, pela divulgação de “Instrucções Sanitarias”, enviadas pela Diretoria do Serviço Sanitário Estadual:

É bem sabido que são as cidades immundas, as localidades insalubres, as abitações sem hygiene as que maior tributo pagam ás epidemias e que são os organismos enfraquecidos e depauperados os de preferencia accommettidos.
(...)

A manutenção do mais rigoroso asseio nas habitações, que convém que sejam annualmente pintadas e caiadas de novo, a remoção cuidadosa e diaria do lixo e das aguas servidas, a desinfecção das latrinas, dos ralos e das demais dependencias em communicação com a rede de exgottos. (...) Não menor interesse devem despertar as prescripções relativas á hygiene individual. As fadigas, as vigílias repetidas e prolongadas, o abuzo dos prazeres, os excessos de todo o genero, enfraquecendo o organismo, collocam-no em estado de mais facil receptividade morbida e em condições de mais facilmente contrahir a molestia.

(...)

Podendo ser a agua o vehiculo ao germen da molestia, não se deve fazer uso della sinão depois de filtrada, ou melhor depois de fervida.

(*A Voz do Povo*, 30 abr. 1897).

O jornal indicava como uma das causas da epidemia a má situação da limpeza pública de Sorocaba, pois, como jornal de oposição à Câmara, denunciava a ineficiência da Empresa de Limpeza Pública. Podemos observar tal objetivo em artigo sobre a “febre em Sorocaba” intitulado “A Responsabilidade do Sr. Franco” – referindo-se a Augusto Franco, intendente municipal à época –, que começa com uma apresentação da teoria de Koch – “da escola de Berlim” – que “defende a transmissão dessas molestias pela agua de bebida”, e a de Pettenkoffer – “escola de Munich” – que “sustenta a transmissão pelo ar, fazendo do sólo o substractum natural do germen”, assinada pelo Dr. Bernardo Magalhães. Logo após, prossegue o articulista, correspondente do jornal em Sorocaba, Rocha Martins:

*Ora, seguindo Kock (sic), ou então seguindo Pettenkoffer, um dos dois, pôde o sr. Franco escolher, é a s. s. a responsabilidade da propagação do mal que dizem affligir-n’os. O motivo da nossa affirmacão, é, repetimos, este sr. não ter desinfectado convenientemente as habitações onde se deram os primeiros casos, e não envidar os esforços necessarios, a fim de pessoa alguma não communicar-se com os infeccionados sem as devidas reservas. (*A Voz do Povo*, 19 mai. 1897).*

Essa indefinição entre as teorias de propagação e contágio da febre amarela, além de promover acirrados debates no meio científico e jornalístico, ainda favoreceu ao aparecimento de outras teorias, como o caso da “doutrina sapista”, termo cunhado pelo próprio autor, João Escobar, um farmacêutico do Rio de Janeiro, que contribuiu com alguns artigos para o jornal *A Voz do Povo*. O autor baseado na “toxycologia” estabeleceu entre outros, “o chumbo e o sapo, como factores do cancro, da morphéa, tuberculose e outras moléstias mortaes” e prossegue:

Vagava num mundo desconhecido; entendi ser desaforo, varias molestias em seu cortejo de horrores, zombarem da medicina, da sciencia e do talento de medicos illustradissimos.

A pratica me ensinou o verdadeiro caminho a descortinar. A theoria microbiana é baseada em principio falso. A verdadeira theoria deve ser procurada nos phenomenos da toxycologia.

Tres enfermos, mortos pelo horrivel cancro, usavam a sopa e caldo de rã. Procurando provar, que o sapo deve ser nossa bandeira de guerra, para o descobrimento das molestias obscuras, que atacam ao ser humano, elle, toda sorte de insectos venenosos e a vibora e serpentes, são os factores de todas as molestias e desgraças humanas.

Por meio das aguas de poço, alimentos e hervas, que ingerimos, é exactamente, onde somos intoxicados. Se os physiologistas e medicos, reconhecerem esta verdade, resta estudar os antidotos dos venenos peçonhentos das serpentes e amphibios, e demonstrar, que nenhuma molestia é contagiosa.
(...)

Se a causa é a agua do poço; vê-se pois , que o contagio é outra tolice da sciencia.

Este meu trabalho e observações são de longos annos, nos artigos, que escrevi; tenho recebido centenares de cartas, telegrammas e felicitações.

Meu fim principal, é em esforçar-me para mostrar á humanidade o caminho – que devemos trilhar.

Tenho esperança, que na Europa e América, os competentes, farão exame seguro, e confirmarão minha doutrina – sapista –. Eu estou convencido da verdade; mas para ruir um edificio secular, é preciso, que vultos da sciencia poderosos e eminentes abracem a minha doutrina. Por enquanto, é simplesmente admiração e entusiasmo pela causa moderna, que estamos advogando. (...)

Rio de Janeiro, 2 de Janeiro de 1897. (A Voz do Povo, 7 jan. 1897, p.2).

É nesse contexto de novas descobertas científicas e debates acirrados que a epidemia de gripe avançou sobre a cidade de Sorocaba. Tal fato ganhou pequeno espaço da memorialística local, compreendendo as seguintes narrativas. Segundo o Dr. José Ribeiro Neto, membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em discurso realizado no Gabinete de Leitura Sorocabano e publicado no

Cruzeiro do Sul de 27/11/1938, foi o médico Álvaro Soares dos heróis de todo aquele processo. De acordo com suas palavras, Álvaro Soares teria sido o “campeão decidido no combate de epidemias anteriormente surgidas em Sorocaba, ainda se fizera notar por valiosos serviços prestados à população, quando aqui surgiu a pandemia grippal de 1918”. De acordo com o médico, a epidemia

Começou pelo bairro da fabrica Santa Rosalia.

O sr. Eduardo Pirajá, illustre clinico da cidade, hoje em São Paulo, em principios de Novembro, andava as voltas com os primeiros casos.

Mais de espaço, por toda a parte era assinalada a sua presença, ate nos bairros distantes.

(...)

Cahem as primeiras victimas, algumas de projecção social na cidade.
(*Cruzeiro do Sul*, 27 nov. 1938, p.3).

Em seguida, são identificados os principais médicos que se dedicaram ao atendimento das vítimas. Eram eles: Dr. Álvaro Cesar da Cunha Soares, Dr. João de Almeida Tavares, Dr. Odilon Goulart, Dr. Gentil Fontes, Dr. Eduardo Augusto Pirajá, Dr. José Ribeiro Neto, Dr. Luiz de Almeida e Dr. Heitor Maurano. Por essa visão, a epidemia seria resumida ao esforço pessoal dessa plêiade de doutores.

Exemplarmente, em um artigo no jornal *Cruzeiro do Sul*, de 25/12/1964, intitulado “Prof. Dr. José Ribeiro Neto, Sorocabano Benemérito”, Aluísio de Almeida homenageia o médico participante da epidemia de gripe espanhola. Referindo-se ao episódio, o memorialista assim inicia o texto:

Resumindo a crônica moderna de Sorocaba para o terceiro tomo de minha pequena História, deparei com a Gripe Espanhola de 1918. Médicos, prefeito, farmacêuticos, hospitais improvisados, escoteiros, sim, escoteiros de bicicleta levando receitas aviadas até as casas dos doentes, fábricas paradas, um Deus nos acuda! (Cruzeiro do Sul, 25 dez. 1964, p.4).

Porém, uma aproximação mais profunda dos documentos de imprensa poderá colocar esse quadro organizado por figuras singulares e grupos heroicos num quadro mais complexo. Para isso será importante acompanhar as observações de Bertolli Filho (2003) ao investigar a propagação da gripe espanhola na cidade de São Paulo, reconstituindo a “geografia da gripe” e a sua “ilusão democrática”, concluindo pela diversidade que a epidemia atingiu as classes privilegiadas e as menos favorecidas (Bertolli Filho, 2003, p. 89), ganhando espaço de memória alguns em detrimento de tantos outros “esquecidos pela memória”. Tal observação será de extrema importância, ao permitir que na leitura dessa documentação se crie um

novo acontecimento em que atores que não eram “lembrados”, entram em cena⁸.

Para isso devemos acompanhar as primeiras notícias sobre a epidemia de gripe espanhola no Rio de Janeiro e em São Paulo, ocupando as páginas da imprensa sorocabana no início de outubro:

A Influenza: não ha motivo para sustos. As medidas higienicas

A “influenza hespanhola”, que se alastra assustadoramente no Rio onde já se contam 200 mil casos, está grassando tambem com certa intensidade na capital do nosso Estado, ameaçando invadir o interior.

(...)

Segundo um communicado do Serviço Sanitario do Estado, é infundado o alarme do povo, com relação á influenza hespanhola, porquanto essa molestia, apesar de contagiosa, se apresenta com caracter benigno. Os sustos de que se toma a população brasileira é sem motivo. (Cruzeiro do Sul, 17 out. 1918, p.2).

Percebe-se que, apesar de informar a gravidade da epidemia no Rio de Janeiro e no seu desenrolar na cidade de São Paulo, a notícia atenta para o caráter “benigno” da gripe e insiste que o alarmismo em relação a ela é infundado. No dia seguinte, o jornal noticia os primeiros casos da enfermidade em Sorocaba: “Em Sorocaba, segundo informam os medicos, ha já diversos casos” (Cruzeiro do Sul, 18 out. 1918, p.2). Porém, a imprensa, inicialmente, nega a epidemia e até o início de novembro sempre insiste na benignidade dos casos:

A influenza hespanhola

(...)

As poucas dezenas de casos de influenza verificados nesta cidade são muito benignas, tendo as autoridades locaes tomado varias providencias com o fim de atacar a grippe.

A população mostra-se confiante nas providencias que estão sendo tomadas pelos poderes municipais.

Os illustres clínicos aqui residentes, auxiliam com muita boa vontade as auctoridades locaes no combate contra a epidemia reinante.

A cidade, isto é, as fabricas e o commercio, continuam na sua vida normal. (Cruzeiro do Sul, 27 out. 1918, p.2).

Entretanto, no dia 6 de novembro, com aproximadamente 671 casos da doença notificados pelos médicos, fala-se pela primeira vez na imprensa em “casos fataes” e os números estariam por “uma dúzia” até o momento (Cruzeiro do Sul, 6 nov. 1918, p.2).

⁸ Ver mais em Souza, 2005.

O aumento dos óbitos em novembro, em decorrência da epidemia, elevou muito o número de enterros, o que teria levado o jornal acima referido a noticiar: “os sentenciados da cadeia local estão trabalhando na abertura de vallas no cemiterio” (Cruzeiro do Sul, 10 nov. 1918, p.2). Posteriormente, o jornal afirma que houve um engano na veiculação da notícia e publica: “os sentenciados da cadeia local estão trabalhando na abertura de covas no cemiterio. Por engano dissemos vallas, ante-hontem” (Cruzeiro do Sul, 12 nov. 1918, p.2). Encontramos, também, uma grande procura por agentes funerários e carpinteiros para o fabrico de caixões (Cruzeiro do Sul, 13 nov. 1918, p.2). Além disso, o jornal começa a noticiar o aumento do número de óbitos: “A epidemia declina. Os casos novos registrados vão diminuindo, mas os fataes têm augmentado, infelizmente. Domingo falleceram dezeseis grippados. (...) Hontem mais de vinte óbitos por grippe foram verificados nesta cidade (Cruzeiro do Sul, 19 nov. 1918, p.2).

O caso da Fábrica Santa Rosália: pistas de uma mesma história...

Devido ao recrudescimento da epidemia na cidade, no mês de novembro, o prefeito Cap. Augusto Cesar Nascimento Filho se reúne com industriais e médicos de Sorocaba para discutir o funcionamento das fábricas. Inicialmente, os industriais da cidade já haviam se reunido e decidido parar todas as fábricas de tecidos por alguns dias (Cruzeiro do Sul, 12 nov. 1918, p.2). No dia 15, o mesmo jornal noticia uma reunião entre os industriais e os médicos, para decidir a situação das fábricas.

A reunião ocorre no dia 17, no gabinete do prefeito, segundo o jornal, para discutir o tema: “Podem as fabricas reencetar os seus trabalhos já ou não?”. Após a exposição da situação pelos médicos e da discussão da questão entre os presentes, o prefeito, por intermédio do Dr. Ribeiro Neto, pediu ao Dr. Álvaro Soares que redigisse um parecer, no qual se estabeleceu que:

- 1.o) *attendendo á característica da epidemia reinante ser a asthenia geral do organismo, que muito facilita a invasão de qualquer outra molestia no atacado, dadas certas condições de meio;*
- 2.o) *attendendo a que essa mesma asthenia do operario victimado o impossibilita de qualquer serviço;*
- 3.o) *attendendo á fácil revivescencia do germen pelo seu microbismo latente, uma vez dada a concurrencia das causas circumfusas que favorecem o seu desenvolvimento;*
- 4.o) *attendendo a que todos os grippados recém-curados e convalescentes não se devem expor a qualquer intemperie sem gravame para si e para a população, pelo recrudescimento provavel da molestia que infelizmente ainda não se acha extincta, mas plena evolução epidemica;*

Concordam a que o trabalho não deve desde já ser recommençado e julgam necessario um prazo minimo de 15 dias para o inicio do trabalho das fabricas, uma vez que as condições epidemicas não venham contradizer este asserto; (Cruzeiro do Sul, 19 nov. 1918, p.2).

Entre os médicos estavam presentes, além do Dr. Álvaro Soares, os doutores João de Almeida Tavares, Odilon Goulart, Gentil Fontes, Eduardo Augusto Pirajá, Ribeiro Neto e Luiz de Almeida. Todos assinaram o parecer, redigido pela maior autoridade médica da cidade e, segundo o jornal, todos os industriais presentes acataram a opinião dos doutores.

Contudo, ainda de acordo com o jornal, o “sr. F. J. Speers, co-proprietario da fabrica Sta. Rosalia” não compareceu à reunião. Procurado pela prefeitura, o industrial declarou “não concordar com a resolução tomada pelos seus collegas, baseando-se na opinião que adrede lhe dera o medico da fabrica sr. dr. E. Pirajá” (Cruzeiro do Sul, 19 nov. 1918, p.2).

A seguir, após a recusa do industrial em acatar a decisão de seus “collegas”, o jornal relata a posição do prefeito:

Em vista disso, o sr. prefeito disse que communicaria todas as resoluções ao sr. secretario do Interior e à directoria do Serviço Sanitario, estabelecendo, caso necessario, um cordão sanitario de modo a isolar inteiramente do resto do município a villa industrial de Santa Rosalia, de cujas condições na presente epidemia, se pode avaliar, referindo que só hontem, até á hora em que são escriptas estas linhas, registraram-se ali 8 obitos devidos á gripe. (Cruzeiro do Sul, 19 nov. 1918, p.2).

Nas edições seguintes, o periódico não menciona se de fato o isolamento ocorreu ou se foi apenas uma ameaça por parte do prefeito, nem tampouco especifica se a fábrica fechou. Entretanto, a partir deste episódio, o jornal *Cruzeiro do Sul*, órgão estreitamente ligado ao poder municipal, passa a noticiar os óbitos causados pela epidemia, especificando os bairros em que os casos ocorriam, mostrando, assim, o alto número de vítimas fatais na vila operária da fábrica Santa Rosália. Além disso, o jornal publica artigos como o do dia 20/11/1918, intitulado “Santa Rosalia”:

Na villa industrial de Santa Rosalia, desta cidade, o numero de grippados, desde o inicio da epidemia, attingiu a cerca de 900. O numero total de obitos alli foi de 20, de um mez para cá, sendo que 16 foram por gripe. O sr. F. J. Speers (...) mantem alli dois hospitaes provisorios, a cargo das irmãs benedictinas. O dr. Eduardo Pirajá, clinico daquelles hospitaes, tem com muita dedicação tratado dos operarios da villa. (Cruzeiro do Sul, 20 nov. 1918, p.2).

Apesar de destacar a atuação de Frank Speers e os esforços do Dr. Pirajá, a notícia aponta o alto número de doentes e de óbitos na vila operária, em comparação com outras regiões da cidade. Após alguns dias, a divulgação dos óbitos volta a ser feita de maneira generalizada para todo o município, diminuindo o foco das atenções sobre o bairro de Santa Rosália. Entretanto, a posição da municipalidade é reforçada pelo jornal, por meio de vários artigos referindo-se à epidemia e o trabalho nas fábricas.

Portanto, a consulta à imprensa, além de proporcionar a compreensão do cotidiano da cidade durante a epidemia e a evolução da doença, demonstra o poder que alguns industriais desfrutavam na cidade nas primeiras décadas do século XX. Durante a epidemia de gripe espanhola, esse poder se evidencia na recusa do industrial Frank Speers, co-proprietário da fábrica Santa Rosália, em acatar as decisões dos médicos sobre o fechamento temporário das fábricas de tecido da cidade. Inclusive, sofrendo ameaça de sua vila operária ser isolada do resto da cidade, por ordem do intendente municipal (Araújo Neto, 2005).

No dia 30 de novembro de 1918, a imprensa informa a reabertura das fábricas de tecidos da cidade para o dia seguinte, junto com notícias sobre o declínio da epidemia. Os óbitos, que em novembro eram noticiados em uma média de oito por dia, continuam sendo noticiados por todo o mês de dezembro, em número aproximado de um por dia. A atmosfera de medo vai se dissipando nas páginas da imprensa, em meio a congratulações mútuas entre autoridades e destacados cidadãos pela atuação durante a epidemia. A “Comissão de Socorros” organizada pelo *Cruzeiro do Sul* para angariar donativos para os “grippados pobres” planeja encerrar suas atividades “com chave de ouro” no dia 1º de janeiro, em uma missa campal, “em ação de graças pela terminação da epidemia de gripe” (Cruzeiro do Sul, 10 dez. 1918).

Considerações finais

A partir da abordagem das epidemias de febre amarela e de gripe espanhola em Sorocaba, pretendeu-se destacar a importância da imprensa como fonte para os estudos sobre a História da Saúde e das Doenças. Seja pela grande quantidade de informações – como estatísticas, número de infectados e de óbitos, entre outros – transmitidas pelos periódicos ou pela escassez ou dificuldade de acesso a outras fontes relacionadas ao tema. Porém, o material aqui analisado também traz a luz novas possibilidades de interpretação dos acontecimentos, desfazendo o discurso oficial, que ora trata a epidemia como marco divisor da economia e do progresso, ora omite o fato, no sentido de deixar no calabouço da memória, a outra gente de Sorocaba, escondidas na pobreza

Referências

- Almeida A. *Sorocaba: 3 séculos de história*. Itu (SP): Ottoni, 2002.
- Araújo Neto AC. *Sorocaba operária: ensaio sobre o início do movimento operário em Sorocaba, 1897-1920*. Sorocaba (SP): Create, 2005.
- Baddini CM. Salubridade pública e poder local: Sorocaba no século XIX. *Caderno de História, Sorocaba*, São Paulo, out 2006; n(2): 15-25.
- Baddini CM. *Sorocaba no Império: comércio de animais e desenvolvimento urbano*. São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2002.
- Bertolli Filho C. *A Gripe Espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- Bertucci LM. *Influenza, A Medicina Enferma: Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo* [Tese de doutorado]. Campinas (SP): Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH – Unicamp; 2003a.
- Bertucci LM. “Conselhos ao Povo”: educação contra a Influenza de 1918. *Caderno Cedes*, Campinas, (SP). abr 2003b; n(59) v(23): 103-117.
- Carvalho RLP. Aspectos da Modernidade em Sorocaba: experiências urbanas e representações 1890-1914. *Revista de História*, São Paulo. 2º sem. 2004; n(151): 221-225,
- Carvalho RLP. *Fisionomia da cidade: Sorocaba – cotidiano e desenvolvimento urbano – 1890-1943* [Tese de doutorado]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.
- Chartier R. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.
- Ferreira LO. Negócio, política, ciência e vice-versa: uma história institucional do jornalismo médico brasileiro entre 1827 e 1843. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 2004; v(11 Supl 1): 93-107.
- Franco O. *História da Febre Amarela no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 1969.
- Luca TR. História dos, nos e por meio dos periódicos, In: Pinsky CB (org.), *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- Mota A. Notas sobre o Sanitarismo de Sorocaba na Primeira República. *Caderno de História, Sorocaba*, São Paulo, out 2006; n(2): 7-14.
- Mota A, Baddini CM. Dilemas Revelados e Mito Desfeito: Sorocaba e a epidemia de febre amarela na República Velha. In: Mota A, Marinho MGSMC. (orgs.). *Práticas Médicas e de Saúde nos Municípios Paulistas: a história e suas interfaces*. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: CDG Casa de Soluções e Editora, 2011.
- Nascimento DR. *As Pestes do Século XX: Tuberculose e Aids no Brasil – Uma história comparada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

Nascimento DR, Carvalho DM (Orgs.). *Uma historia brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004.

Pinto Jr. A. *A invenção da Manchester Paulista: embates culturais em Sorocaba, 1903-1914* [Dissertação de mestrado]. Campinas (SP): Faculdade de Educação da Unicamp, 2003.

Sodré NW. *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

Souza CMC. A gripe espanhola em Salvador, 1918: cidade de becos e cortiços. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro; jan.-abr. 2005; v(12) n(1): 71-99.

Telarolli Jr. R. *Poder e Saúde: A República, a Febre Amarela e a Formação dos Serviços Sanitários no Estado de São Paulo* [Tese de doutorado]. Campinas (SP): Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, 1993.

Fontes Primárias:

A Lucta, nov. 1899 – mar. 1900

A Voz do Povo, abr. – mai. 1897

Cruzeiro do Sul, out. 1918 – jan. 1919, 1938, 1964

Republica, jan. – fev. 1900

Data de Recebimento: 16/11/2012

Data de aprovação: 19/01/2013

Conflito de Interesse: Nenhum declarado

Fonte de Fomento: Nenhum declarado.